

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

O GRANDE CANTOR TITO SCHIPPA E SUA ESPOSA

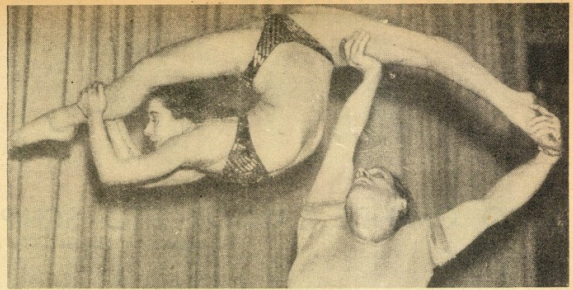
(Ver reportagem nas págs. 12 e 13)



ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 21 DE FEVEREIRO DE 1946

N.º 248



QUE AFLIÇÃO! — Sabem o que ~~que~~ as pontes, caros leitores? É o que este contorcionista está a fazer aqui com a mesma naturalidade com que nós poderíamos meter uma carta no correio. Trata-se de um dos números de «music-halls» que mais sensações têm causado actualmente em Londres — Karino e Odis — contorcionistas acrobáticos.

A América elege as mais belas pernas

Há quatro anos, o aviador-realizador Howard Hughes, de quem acabámos de ver *Ter ou não ter*, foi a um dentista. A rapariga que lhe abriu a porta era de uma beleza e elegância de linhas incomparáveis. Howard resolveu lançá-la no Cinema, e para isso gastou uma fortuna. A rapariga chama-se Jane Russel. O seu primeiro filme, porém, «The Outlaws», era uma tão decisiva demonstração do seu «sex-appeal» que a Censura americana resolveu proibi-lo!

Mas Jane Russel não desistiu, nem desanimou. O seu segundo filme está pronto, e ainda há poucos dias o seu «sex-appeal» obteve estrondosa vitória — as suas pernas esculturais foram escolhidas como as mais belas da América, prêmio que lhe foi conferido por Willy de Mond, presidente da Associação de Desenhadores de Modas.

Aqui o vemos medindo as lindas pernas de Jane Russel! Isso bem medido, amigo Willy!...



RAPARIGAS SEM UNIFORME

AQUI temos um grupo de sorridentes raparigas em fralda de caniza. Quem são elas? Porque se sentem tão felizes com tais trajos (?), quando anda por aí um aflitido frfo? A coisa é simples: trata-se de raparigas ingénuas mobilizadas para o trabalho na terra durante a guerra que findou. Agora que estão em paz voltaram às suas antigas ocupações... mas tiveram, antes, que entregar as roupas utilizadas em serviço, ficando reduzidas a uma camisa, um par de sapatos e — foi esta a sua salvação! — vinte senhas de racionamento de roupa! Já poderão assim transitar pelas ruas de Londres e responder a algum polícia que as julgue fugidas de alguma colónia de nudistas: «Vamos à modista. O senhor não conhece por aí alguma que nos vista à última moda apenas com vinte senhas de racionamento?».

A FELICIDADE AO ALCANCE DE TODOS...

FORMOUSE agora aí uma agência de casamentos, talqualmente já havia a de criadas, com bons resultados.

Resolveu-se, pela, o problema da família. Basta preencher um boletim, mandar vinte e cinco fofões para a correspondência, e o caso arranja-se na volta do correio.

Os pretendentes preenchem uma papeleta, com indicativos, onde há, desde a cor dos olhos ao mínimo peso — passando, claro, pelo estado, fortuna ou posição.

Trata-se, assim, de harmonizar com o gosto de cada um o tipo ideal sonhado de se não pode andar por lá a procura.

Toda a gente tem muito que fazer. A vida, hoje, não deixa ninguém repousar, decentemente. Acabaram-se as sentas, dormidas nas cadeiras de verga. Desde manhã à noite o homem tem de andar a calcurrear, apressado, o páio de cada dia. Al dos que vacilam — e param. É preciso correr, fugir, porque a vida se não ganha de braços cruzados, olhando, lentamente, a rua.

Ora a «Agência Ideal de Casamentos» veio, como se costuma dizer, preencher uma lacuna no nosso meio.

Há muito tempo que, lá fora, se usa esse processo.

As pessoas que querem casar mandam as suas fotografias — e as indicações necessárias.

Por seu lado os empregados da Agência, expertos e zelosos, vão colher informações. Averiguam se, na realidade, a papeleta está conforme. Depois disso, mandam o prospecto explicativo, com informes detalhados.

Há sempre, em saldo, grandes porções de noivos, da província ou ocupados em África, nostálgicos e rabugentos, com dinheiro e febres. As pessoas escolhem. Vêem as fotografias — podem mesmo, vigiados por um empregado, fazer um pequeno estágio de convívio. No fim logo vêem se os feitios se amoldam, se gostam, enfim, um do outro.

Há, até, na seriedade desses enlaços um acto simpático: é que a Agência garante por 5 anos o casamento. É exactamente como os relógios.

Depois disso, o assunto deixa de interessar-lhe.

Mas há mais — e não levamos nada pelo reclame! — quando o casal fica desvindo, por incompatibilidades que a Agência não previu, é obrigatório uma indemnização.

E, por tudo isso, os noivos só pagaram uma pequena percentagem, denominada «taxa da felicidade» — e a cota a que ficam sujeitos durante a vida inteira de casados, uma ridícula mensal, de que nem vale a pena falar.

Abençoada ideia!

MANUEL MARTINHO

VIDA MUNDIAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
 EDITOR: PEDROSA MARTINS
 PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"

CAMILLO

VAI TER, ENFIM, UM MONUMENTO EM LISBOA, NA AVENIDA DA LIBERDADE!

Por LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



O projecto do monumento a Camillo, do autor da escultura Anjos Teixeira, e que agora vai ser substituído.

CAMILLO, que Flhalho — o cortante Flhalho — considerava o primeiro escritor português do século XIX, o romancista dos grandes desesperos, o sarcástico do ris satânico e terrível, tipo excepcional de individualismo trágico, de gênio cólido, largo como um mundo, estranho como um sonho, misto de todas as sensibilidade e de todas as revoltas, não tem ainda, como era de elementar justiça, um monumento em Lisboa. Até agora os camilhanistas, que tanto têm lutado para isso, não conseguiram erguer esse monumento — a não ser na sua própria imaginação. Ao inaugurar-se o monumento a Eça de Queiroz, um dos nossos mais ilustres jornalistas escreveu pouco mais ou menos isto: «Os amigos e admiradores daqueles vultos que não tiveram ainda a fortuna de ser consagrados em monumentos, não são apenas as dificuldades inerentes a toda a iniciativa particular, são as que resultam de determinadas circunstâncias, umas oficiais, outras extra-oficiais, e que nem sempre se conseguem vencer. É o que tem acontecido com o monumento a Camillo. Há seguramente vinte anos que um grupo de homens de boa vontade luta para que Camillo tenha o seu monumento na capital. Ainda não conseguiram. Será agora? Se a existência de Camillo foi, como diz Oliveira Martins, um romance de cavalaria, a história do seu monumento bem pode considerar-se uma espécie de capítulo póstumo — e talvez não o último — desse estranho e complexo romance. Vale a pena contá-lo.»

A ideia de erguer, em Lisboa, um monumento a Camillo era um velho sonho dos camilhanistas. Mas essa ideia tomou maior vulto quando em 1925 se

celebrou o primeiro centenário do nascimento do grande romancista. Constituiu-se uma comissão para esse fim (a que vive e tenha a honra de pertencer); iniciou-se uma intensa propaganda; a comissão escolheu (ainda que sem o consenso unânime), uma *maquette* da autoria do escultor Anjos Teixeira; e creio que alguns sonhadores chegaram a assistir à inauguração do monumento. Uma das maiores dificuldades que a comissão, desde logo, encontrou, ao desempenhar-se do seu mandato, foi, sem dúvida, a escolha do local. De acordo com a Câmara acabou por escolher-se o Parque Eduardo VII e lançaram-se mesmo, se bem me recordo, as necessárias fundações. Tudo parecia correr pelo melhor, até que, inesperadamente, um ulterior plano de urbanização do Parque veio implicar uma mudança de local. O monumento já não podia ser ali. Sucederam-se então os alvites. Houve quem pensasse, com carácter mais ou menos oficial, no Parque Silva Porto, a Bemfica, mas esta ideia (aliás pouco feliz) não obteve os outorgas da comissão. Não faltou mesmo quem defendesse, sobrepondo a aureola literária à aureola política, a substituição do monumento do Duque de Saldanha ou do Duque da Terceira pelo monumento de Camillo. A verdade é que, se o romancista do *Amor de Perdição* merecia todas as homenagens devidas ao seu gênio literário excepcional, havia que ter em conta os direitos adquiridos (além, evidentemente, do que o país devia a Terceira e Saldanha), e a hipótese foi posta de lado. Surgiu, porém, uma nova hipótese: o espaço compreendido entre o cruzamento da Avenida Duque de Loulé e as ruas Rodrigues Sampaio e Camillo Castelo Branco. Não seria o sítio ideal, mas era aceitável. A comissão reuniu-se ao presidência do Prof. Elói do Amaral — que neste cargo sucedera a Custódio José Vieira — e deliberou dirigir-se à Câmara. Por ofício datado de 24 de Janeiro de 1940, o engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, que então presidia à Câmara Municipal de Lisboa, comunicava à comissão a concordância da edilidade na colocação do monumento entre as ruas Rodrigues Sampaio, Camillo Castelo Branco e Avenida Duque de Loulé. Havia apenas uma alteração a fazer no projecto primitivo. O vulto que, no projecto, devia moldar-se em bronze, teria de ser agora esculpido em pedra. Na comissão, as opiniões não foram unânimes a este respeito; *chacun charcut son avantage*; mas — quantos se há-de admirar! — o bronze acabou por ser vencido pela pedra, talvez porque a pedra seja do gênero feminino. Levaria cinco, seis meses, o máximo um ano — mas os camilhanistas, apesar de tudo, veriam, enfim, o monumento. Passaram, porém, os meses, os anos; levantaram-se várias dificuldades burocráticas; o mesmo signo de fatalidade que perseguira Camillo em vida dir-se-ia continuar a acompanhá-lo depois de morto — e o monumento até hoje não se fez. E já agora não poderá fazer-se, pelo menos segundo o que se estabeleceu. De facto, recentemente a Câmara comunicou à Comissão que o monumento, não só não poderia ser colocado no local assente em 1940, mas que esse monumento não poderia ser o esculpido, em virtude dos novos planos de urbanização da cidade, e propunha um outro monumento de moenres



Camillo Castelo Branco visto por Rafael Bordalo Pinheiro

dimensões (de cujo projecto ele se encarregaria), e que seria colocado na Avenida da Liberdade, fazendo *pendent* com os monumentos de Garrett, Herculano e Oliveira Martins, que, em breve, ali serão postos. Com a maior presteza, o Prof. Elói do Amaral convocou a comissão, expõe-lhe o que havia e solicita-lhe a indicação do caminho a seguir. Poucas vezes na sua já longa vida a comissão se terá visto — porque não confessá-lo! — em tão sérios melindres. Por um lado, a proposta, aliás deferente da Câmara, não iria satisfazer muitos camilhanistas, não em relação ao local, evidentemente, mas em relação ao novo aspecto escultural, porventura menos rico, que se pretendia dar ao novo monumento a construir; por outro lado, perdida esta oportunidade, Camillo corria o risco de nunca vir a ter em Lisboa um monumento, nem o monumento Anjos Teixeira que a Câmara não deixaria construir, nem o novo monumento que a comissão opunha a que se construisse. Era o dilema. A comissão julgou do seu dever optar pela proposta camarária, tanto mais que esse facto não significava a renúncia ao direito, embora talvez mais espiritual do que real, de ver, um dia, erguido, na cidade do Tejo, ao famoso romancista uma ostentosa mole de mármore e bronze. Segundo todas as probabilidades, Camillo terá, pois, em breve, o seu monumento, na Avenida, ao lado de Garrett, de Herculano e de Oliveira Martins. Sob o ponto de vista intelectual, não pode ficar em melhor companhia — o que é, de molde, a resgozar os seus admiradores. E qual virá a ser o destino do projecto, ou, melhor, da *maquette* Anjos Teixeira? Um tranço, ou um longo nua cidade da provincia — ou um doce retróno num recanto de museu? Não se sabe ainda. Uma coisa aproxima, entretanto, profundamente esta *maquette* da própria vida de Camillo: a quase fatal incerteza do seu destino.



No teatro Pigalle, de Paris, os coristas defendem-se do frio, ensaiando vestidas — algumas até de cosco de peles!

O nazis Otto Abetz, depois do processo de Jean Luclair, que se vê à esquerda, no banco dos réus

(Serviço «International News Photos», exclusivo para «Vida Mundial».)

MIRADOUR SUA EXCELÊNCIA O GATUNO...

POR NELSON DE BARROS

Os jornais contaram, há dias, que, no Entroncamento, os gatunos analisaram as coelheiras de uma proprietária, levaram todos os caelhos gordos que lá encontraram e, para atenuar os prejuízos causados, puseram no lugar deles uns coelinhos pequenos e esqueléticos de que iam mundos para fazer a troca.

Aqui está um exemplo que ilustra, de maneira inofensiva, os progressos que a arte de roubar tem feito ultimamente no nosso País. De facto, muito injusto é quem não reconhecer que o gatuno português é hoje uma pessoa muito mais civilizada do que era, por exemplo, há trinta anos. Digamos mesmo: com mais categoria social. Nem é preciso ir buscar as provas mais longe do que nas páginas de anúncios dos jornais, porque raro é o dia em que, ao abrir a gazeta, não se depara com anúncios, mais ou menos assim:

AO SR. GATUNO

que roubou pasta de dentro dum automóvel, pede-se o favor de enviar documentos, que só interessam ao próprio.

Ou então:

RELÓGIO DE OURO

roubado num «elétrico» para a Graça. Por ser de estimação pede-se ao Sr. Gatuno o favor de enviar cantela.

Reparem V. Ex.^{ma} na cortesia usada para com os senhores Gatunos. A gente está mesmo a ver o gatuno a aparecer com os documentos ou com a cantela, trocar cartões de visita com o roubado, este confessar-se cativíssimo pela gentileza e mandar um ramo de flores à mulher do gatuno que, por sua vez, fica com uma grande vontade de conhecer a mulher do roubado; as duas senhoras acabam por ser apresentadas numa casa de chá, conversam acerca das últimas fitas estreadas, dos penúltimos chapéus (porque os chapéus das senhoras nunca são últimos), encontram os maridos a falar de negócios, os dois casais começam a visitar-se e assim nascem sólidas raízes de amizade nas relações entre as famílias.

A caricatura, exactamente porque o é, pode ter exagerado um pouco. A verdade, porém, é que nos nossos dias o prestígio do Senhor Gatuno é, pelo menos, tão grande como em tempos o foi o do Senhor Roubado. É o gatuno que nas mesmas páginas onde se inserem estes reactivos anúncios vêm outros, pedindo engenho para empresa industrial ou dactilográfica para escritório de movimento, e nem um nem outro têm senhoria ou tratamento de circunstância. Decididamente, é preciso ser gatuno para se ser tratado com consideração.

Ei das vezes supomos, ingenuamente, que os gatunos eram uns tipos sinistros, barbados, façanheiros, intratáveis; mas desde que, coagido pela falta de gêneros, teve de entrar em puro convívio social com os seus fornecedores e passi a inte-

ressar-me pelo reumático do meu meeceiro, que me vende o azeite a 20500 o litro, a dar palmadas nas costas do homem do talho, que benévolo-me me arranja carne para bifes a 35500 o quilo, e a discutir futebol com o leiteiro, que me traz, às escondidas, uns pacotes de manteiga à razão de 50500 cada 800 gramas (quilo comercial!) — cheguei à conclusão de que os gatunos, afinal, são umas pessoas tão simpáticas como qualquer de nós, e atingi a perfeição de me deixar roubar, sem gritar «O da guarda!», por qualquer meliante que me salte ao cambinho.

E, se queremos que diga tudo, até tenho admiração pelos gatunos. Não esses gatunos amadores que roubam puxadores de portas e botões de campainhas, coisas que fazem falta a quem fica sem elas, sem proveito que se veja para o novo possuidor. Mas pelos outros, pelos gatunos que sabem do seu ofício. Pelos que não roubam as carteiras e as metem, vastas, nos marcos postais, para a gente as tornar a encher e elas as tornarem a roubar; pelos que, depois de nos terem raptado e «religido», nos mandam, amavelmente, a cautela da loja de penhores, para a gente o ir buscar e eles voltarem a subtrai-lo e a empelhar-lo; por aqueles do Entroncamento que permutaram coelhos gordos e bem tratados por recém-nascidos enfraquecidos, para a senhora se aficção a eles, lhes dar muito mimo e rama de cenoura, e quando eles já forem uma homenzinha, os espectralmente fazerem nova visita às coelheiras e os trocarem outra vez. É que a arte de roubar não cristalizou em formas definitivas como tantas outras. É constantemente actualizada pela introdução das mais recentes aquisições da psicologia. Hoje, o gatuno, perdão, o Senhor Gatuno, é um cidadão do Mundo. Tem interesse, é complexo, tem — como agora se diz muito — personalidade. No fundo, é simpático. É mesmo mais simpático do que o polícia. Nem admira. O gatuno é que tem o mérito da iniciativa. Ele é que concebe, estuda, planifica e realiza. O polícia, quando chega, encontra tudo feito. Não tem personalidade. O gatuno tem muito mais interesse humano. Quincy considerou o crime como uma das belas artes. Onde está o poeta que cante o roubo como a arte mais comum dos nossos dias?

Em não sei já que peça francesa há uma personagem que é, ao mesmo tempo, um gatuno de carreira e uma espécie de filósofo grego. Tem um filho que adora e no dia em que ele faz quinze anos «eferece-lhe um relógio em cujo corrente está talvez ainda preso um pedaço do collete a que fôra arrancado — e diz-lhe:

— Meu filho: Chegaste à idade de tomar a vida a sério e de pensar no futuro. Lembra-te disto. Neste mundo há unicamente duas classes de pessoas: as que roubam e as que se deixam roubar. Não te digo que roubes, que isso é conselho que um pai não deve dar a um filho. Mas também te digo isto: Não queiras ser dos que se deixam roubar!

Que pena não haver uma classe intermédia para as pessoas que não são parvas de todo — e ainda são sérias!...



Vocês achem que Lynn Merrick, com este palminho de cara, este sorriso e este corpo que Deus lhe deu — necessita de deitar a réde para isso opanhar?...!

1.500.000 ESPECTADORES ELEGEM OS SEUS VÍTRIOS DO PÚBLICO AMERICANO

A revista americana «Modern Screen» acaba de anunciar os resultados do gigantesco inquérito realizado entre os seus leitores para apurar as vedetas favoritas de 1945. O «referendum» foi feito ao longo dos doze meses do ano transacto, e os resultados proclamados numa festa que reuniu, em casa de Luella Parsons, as mais destacadas figuras do mundo do Cinema.

Os artistas novos — alguns deles Lisboa desconhecida ainda inteiramente — figuram no número dos favoritos. Dos consagrados, muitos foram esquecidos e outros contentaram-se com modestos lugares. Há que ter em consideração a circunstância da guerra haver afastado dos estúdios astros dos mais famosos e daí o reflexo inevitável na classificação obtida.

Os artistas que se cotaram nos primeiros 50 lugares foram os seguintes:

- | | | |
|----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 — Von Johnson | 18 — Betty Grable | 36 — Ingrid Bergman |
| 2 — Frank Sinatra | 19 — Bing Crosby | 38 — Diana Lynn |
| 3 — June Allyson | 20 — John Payne | 37 — Elizabeth Taylor |
| 4 — Alan Ladd | 21 — Turhan Bey | 38 — Roddy MacDowall |
| 5 — Peter Lawford | 22 — Helmut Dantine | 39 — John Hodiak |
| 6 — Robert Walker | 23 — Bob Mitchum | 40 — Kurt Kreuger |
| 7 — Dana Andrews | 24 — Esther Williams | 41 — Joseph Cotton |
| 8 — Tom Drake | 25 — Don Taylor | 42 — William Eythe |
| 9 — Guy Madison | 26 — Clark Gable | 43 — Gloria DeHaven |
| 10 — Gregory Peck | 27 — Jeanne Crain | 44 — Sonny Tufts |
| 11 — Cornel Wilde | 28 — Dick Haymes | 45 — Tommy Dix |
| 12 — Dennis Morgan | 29 — Roy Rogers | 46 — Jerome Courtland |
| 13 — Lon McCallister | 30 — Margaret O'Brien | 47 — Hurd Hatfield |
| 14 — Dane Clark | 31 — Ronald Reagan | 48 — Mark Daniels |
| 15 — Lana Turner | 32 — Gene Kelly | 49 — Richard Jaeckel |
| 16 — Lauren Bacall | 33 — Judy Garland | 50 — Richard Crane |
| 17 — Shirley Temple | 34 — Bob Hutton | |

Van Johnson — lembram-se de «Trinta segundos sobre Tôgueto» e «Um Marinheiro para Duas!» — e June Allyson — que ainda há pouco vimos em «Música para Todos» — constituem o par vencedor. Frank Sinatra alcançou o segundo lugar. Depois, vem Alan Ladd. A seguir, Peter Lawford, Robert Walker, Dana Andrews, Tom Drake, Guy Madison, Gregory Peck (o intérprete de «Chaves do Reino»), Cornel Wilde, Dennis Morgan, Lon McCallister e Dane Clark, que podemos englobar na falange dos novos. Lana Turner aparece em 15.º lugar, logo seguida de Lauren Bacall, a de «Ter ou não ter». Shirley — espantoso caso de sobrevivência num prestígio — bate ainda Betty Grable e Bing Crosby. Muitos dos consagrados — Clark Gable, Margaret O'Brien, Judy Garland, Ingrid Bergman, etc. — vêm depois...

O «referendum» de «Modern Screen», com a participação de um milhão e quinhentos mil leitores (quase um quarto da população de Portugal) mede, por assim dizer, as preferências do público médio. Indicação preciosa para os produtores, porque é com esse público, acima de tudo, que ele conta, para amolecer os seus filmes.

QUANDO OS TÉCNICOS DE CINEMA VÃO À ESCOLA...

Por FERNANDO FRAGOSO

A França, seguindo na esteira de outros países, que há muito vêm fomentando e desenvolvendo a actividade das escolas para aprendizagem da técnica do cinema, mantém, desde o ano passado, o Instituto dos Altos Estudos Cinematográficos, que funciona sob os auspícios da Direcção Geral de Cinematografia e do Ministério da Informação. O referido organismo realizou, em 1943, magnífico trabalho e o seu director, Pierre Gérin, declarou-se entusiasmado com os resultados obtidos.

«Até aqui — afirmou — as Belas-Artes, a Música e a Literatura tinham as suas escolas, mas o ensino da cinematografia não podia fazer-se por outros processos que não fossem, os empíricos. Mais, talvez, do que qualquer outra Arte, o Cinema, pelas contínuas transformações a que está sujeito e pelas tendências caóticas, necessitará, para servir aqueles que serão os seus artistas ou os seus técnicos, de iniciar o povo e os intelectuais nos problemas da sua evolução. A propaganda da Nova Arte é assim, uma das finalidades que temos em vista.

«Claro está que a nossa intenção primordial, desde a criação do Instituto, é a de formar novos técnicos que possam servir dignamente a indústria nacional.

Os cursos, com aulas teóricas e aulas práticas, vão, conforme os casos, de um a três anos. Em 1945 inscreveram-se 350 alunos. Uma selecção rigorosa limitou o número dos estudantes a poucas dezenas. Desta forma, se aproveitaram os que revelaram decidida vocação e a indispensável formação cultural para a carreira que se propunham seguir.

O primeiro e o segundo ano destinam-se aos cursos subalternos da Produção e Realização, e ainda operadores de imagens e de som. O terceiro ano interessa aqueles que queiram assumir postos de maior importância, como realizadores e produtores. Nesta terceira fase, os cursos de carácter técnico são completados com noções de história de Arte, vida social, música, decoração, teatro, literatura, estética, etc. Estas lições consideram-se de aperfeiçoamento e destinam-se, por via de regra, aos que já tenham uma situação na indústria e queiram enriquecer os seus conhecimentos de cultura geral. Entretanto, os alunos praticam nos estúdios, ao lado de profissionais de reconhecida competência, e, assim, adquirem, simultaneamente, a resolver na prática os problemas teóricos propostos nas aulas.

A seriedade dos cursos do Instituto está definida pela selecção, que reduziu os candidatos de 350, a trinta e poucos — como aconteceu no ano transacto. E a circunstância do Instituto agir, sob o patrocínio da Direcção Geral de Cinematografia e do Ministério da Informação, dá-lhe o selo de garantia oficial.

O cinema, com efeito, é uma indústria complexa. As dificuldades da sua técnica não se confundem com as improvisações e o auto-didatismo, nem se satisfazem sómente com a habilidade e a boa-vontade. A aprendizagem feita à custa dos produtores — sai muito cara e, por via de regra, é nociva à indústria. Daí, a necessidade de entrar no estúdio com um mínimo de conhecimentos capazes de dar ao espetáculo a autoridade técnica indispensável à realização dum filme.

Os cursos do Instituto de Altos Estudos Cinematográficos — o nome parece-nos demasiado pomposo, para o carácter de iniciação de que se revestem — os cursos do Instituto, dizíamos, satisfazem na medida do possível aquela finalidade.

Que dirão a isto os «iluminados do Palladium, sempre prontos a reduzir o cinema às proporções dum boi para curiosos?»



Spencer Tracy, o extraordinário actor, de máscara viserosa e expressiva, tal como nos surge no filme «A Sétima Cruz», que nos conta o drama dos prisioneiros nos campos de concentração nazis em busca de liberdade.



Greer Garson e Gregory Peck, a vedeta número um e o galé mais em voga no momento que passa. Uma cent de «O Vale do Destino», de que os dois são protagonistas — idílio que se aboca no século dum navio; um vlogem da Inglaterra para a América. «O Vale do Destino» é o histórico da modesta servidora de uma casa rica, que acaba por casar com o filho dos patrões, vencendo os preconceitos de casta, que eram rigorosamente observados no tempo e no local onde decorre a acção.



Line Romay, o lindíssimo cantora cubana do orquestra de Xavier Cugat, visita Van Johnson, no seu camarim ambulante. Enquanto Line come um gelado, Van, divertidíssimo, aponta um pormenor picresco, que Hollywood não nos dá qual é. Mas o avulso pelo expressão do cantor, o coisa deve, de facto, ter graça...

A RÁDIO CONTINUA A DESCOBRIR ARTISTAS PARA O CINEMA NACIONAL



SÃO numerosos os casos de artistas portugueses que a Rádio popularizou e que depois encontraram, no Cinema, novas possibilidades de trabalho. E em muitos filmes nacionais temos visto artistas que, sem o poder publicitário da Rádio, seriam desconhecidos.

Pois este é caso de Pompeu Faria, que vamos apontar, é mais um exemplo.

Possuidor duma formosíssima voz, mas dotado de extrema modestia, este rapaz que se fez cantor por vocação, dono de invulgar qualidade e duma força de vontade excepcional, apareceu actuando em Rádio Clube Português, nas emissões recreativas dirigidas por José de Oliveira Cosme e que tão grande número de simpatizantes conseguiram entre os radiouvintes.

Logo notada a sua presença, de programa para programa mais se afirmava a certeza de que estava ali um autêntico cantor. E Pompeu Faria, que, sem a Rádio, seria um desconhecido, vai agora interpretar um papel num novo filme português, onde a sua voz e a sua bela figura certamente se vão impor, definitivamente.

PEQUENA VIAGEM A VOLTA DA CARETA HUMANA



1) GOSTAM DESTA CARETA? 2) É DESTA? 3) HORROROSA, NÃO É?



4) ESTA TEM UM CERTO AR DE DESEDM... 5) ASSUSTA, NÃO ACHAM? 6) ESTA JÁ NÃO É TÃO FEIA...



ENCONTRAMOS o Psicólogo a pescar à beira do rio, fumando no seu cachimbo. Adivinhou logo o que a nossa curiosidade pretendia.

— Que lhe diga o que penso dessa fataldade cósmica do rosto humano denominada careta? Sem dúvida, a primeira invenção do homem não foi a clava do troglodita, mas a careta. Há milhares de anos foi ela o calafrio mudo do espanto do animal raciocinante atemorizado diante dos espectáculos terríveis da Natureza. Impotente e pequeno, cheio de assombro e de terror, o homem do paleolítico estremeceu ao ver a curva sinuosa do relampago, ao sentir o furor do vendaval, ao ouvir o vozear do trovão. Sinistra máscara de medo trágico, a Careta é a sensação do horrível que, ainda hoje, ensombra o rosto humano quando pelo frágil espelho da nossa sensibilidade roça a imagem de qualquer coisa que a emocione. A Careta é o fardo duma herança trágica. Exprime infinita variedade de comoveções, todas elas a saltitar na corda dos nervos: a dor, a repugnância, a decepção, o pavor.

E como estivesse ali inutilmente há três horas na miragem de apanhar um peixe, o *Psicólogo*, aborrecido, levantou a cana e fez uma careta: a da desluzido.

— O Poeta ficou um pouco surpreendido: A careta! Não será um brinquito da Humanidade-criança, o minuto da nossa inconsciência? A Beleza é um prodígio da Bondade, e esta tem um rosto sereno, iluminado, comunicativo. A Fealdade é a caricatura do Mal. Quando ri, o riso dela é nervoso, quase cólico, aguçado na histeria da raiua e do ódio. E medonho como uma noite cheia de superstições passada num castelo cheio de histórias de fantasmas e de ermes sinistros. Lágrebra riada, fria como o luar e cinica como certas passagens de folhetim — aí tem a careta. A fisionomia mala anti-pática pode esconder um traço de beleza, uma simpatia «interiores» que se debta adivinhar como num sonho; e quantas máscaras de honra há por este mundo que não recusam no primeiro instante mostrar com impudor o pesadelo da sua careta! E o Poeta suspirou de tal maneira que enghiou a boca e baixou as pestanas — numa careta repassada de amargor. O *Psicólogo* fechou o livro e ajeitou os óculos encavalitados no nariz como um quadro num cavalete: — E qual reflexo do nosso instinto, meu amigo!

Significa o protesto da alma humana, a revolta constante em que nos agitam na tremenda batalha contra o mundo. É a voz do pessimismo, a angústia da ridícula tragédia em que nos movemos, a sublime rebeldia traduzida em grotesco. E franziu a testa, inflamou as bochechas, enfiou os lábios — numa careta terrível.

O Actor confidencioso: — A vida é uma farsa trágica. Da combinação do riso e da dor provém a careta. Eu, você e os seus leitores, todos entretém a existência sapateando com estas intermitências que compõem as ruas da careta humana: a lágrima e a gargalhada. Eu vivo da careta. Quando o público se confrange numa conoção sincera, faz uma careta dramática que me dá vontade de rir. E não há na comédia do nosso dia-a-dia outra coisa senão uma careta que dá vontade de chorar...

E o Actor quase fechou os olhos na carantinha dum cômico irresistível — paramente cômico.

O velho *Bêbedo* não esteve com cerimónias: — Anh! Careta! Mas haverá outra coisa que não seja careta a amável careta que tu fazes agora? O que vês tu em mim senão uma careta com braços e pés, estômago e algum cabelo? Há não sei quantos anos que eu conservo esta cara em álcool. E, meu filho, a careta metida na redoma da indiferença. Nada me rala porque tudo me aflige. Esta é a tal arte de meditar que vocês dão um nome esquisito. A vida é má? Careta! A gente não se entende uns com os outros? Careta! O vinho tem água? Careta! Quem é que está contente com a sua sorte? Careta!

E bebete outro copo. Mas o vinho era mala rala de que supunha — porque torceu para a esquerda o nariz e fechou os dois olhos na mais expressiva careta de desagrado.

— O senhor guarda sabe dizer-me o que é a careta?

O *Polício*, imperturbável, respondeu alicetado: — Com esse nome não conheço. Careta... Careta... O senhor sobe a rua da Atalaya e vira à esquerda. Não tem nada que enganar? Trombeta... Trombeta é o que o senhor quer. À esquerda... É a primeira rua.

E perante o ar aparvalhado de provinciano com que ficou um garoto dos jornais detitou a língua de fora na única careta jovial que aqui se regista.

JORGE RAMOS



Em cima, uma imagem de pesadelo! Em baixo, um rosto deformado!

A menina e os rapazes!

CONTO POR MANFREDINHO



ESTACOU à porta. Dir-se-la que receava entrar. Deu dois passos hesitante no pátio, palpou mais uma vez o bolso do sobretudo onde levava o pequeno maço de cartas e, resoltado, moveu por uma ideia forte, premiu o botão da campainha.

Hesitar, para quê?

Ela tinha ali as provas — e queria, rapidamente, liquidar aquele assunto que o torturava há dez dias.

De dentro ninguém respondia. Toca de novo, com mais ímpeto e demora. O eco da campainha chegava-lhe aos ouvidos, tímido e estridente. Sentiu um ligeiro rumor — talvez o arrastar de passos. O seu coração, num alvoroço, pulsava com violência.

Já tinha na boca a frase enfiada para aterrar a Joana, criada e confidente da menina.

— Venho aqui — e não passo desta infame ombreira que...

Atentou melhor na frase — e achou-a pouco correcta, sobretudo porque a porta não tinha que ver com o procedimento de Rosalina.

— Sim, «infame porta» — era correcto — infame toda a habitação, as onze divindades, e, implicitamente, o

andar inteiro — que tinha esquadro e direito — talvez mesmo o prédio e o construtor civil, que, autorizado pela Câmara, o construíra. A porta não devia ser chamada a compartilhar do seu «cancor» — do seu ódio a Rosalina.

Dir-lhe-a antes, enchendo a voz de sornudeira, contraindo o rosto, de barba por fazer, de expressivo desprezo:

— «Não entrarei nesta casa miserável porque não quero sentir o hábito dessa...».

Ná! «Miserável casa» também, francamente, não estava bem.

Disserá-lhe ela, Rosalina, isso sim. Agora a casa...

Então os irmãos, o Carlos e o António, dois companheiros ideais, amigos desde o liceu, não moravam debaixo do mesmo tecto, não respiravam no mesmo ambiente?

E os pais, a Dona Beza, simpática, gorda, summa risonha e respeitável, e o seu adorável marido, o banqueiro Lima, fumando o seu fidejeto «Havanás», suave, estiracção na poltrona, com a «Fama», a cadêlta, sobre o ventre a morder-lhe o grolhão da corrente?

Erão, ou não, boas pessoas?

Indecisivamente. E então para que havia ele, Eduardo, de insultar, em voz alta, do patamar duma escada, uma casa inteira — só por via de Rosalina.

Sim, mas ela merecia um castigo, um tremendo castigo.

Poderia admitir que brincassem com o seu nome, que se achassem a sua vida, privada e oficial, só por caprichosa malsiqueria dum demente incurável, injectada de cinema e fidelidades de casas de baile!

Namorava Rosalina com todo o ardor, com paixão — embora o usasse que aquilo era só barro, barro de carne, bem moldado, bem enfiado, mas para ser esbaldado, inafiando-lhe vida, amor, personalidade.

Rosalina estava naquella fase primitiva em que só existem duas razões fortes que dão alegria: «a conquista do Adonis e criar inveja nas amigas com os vestidos».

Fora disso, a vida era uma maçada. Abreçasse de tudo, envolva com as criadas, sempre estúpidas, e nunca saía do quarto, sem fazer duas horas de «spose».

Os pais, também, culpados daquele viver, davam-lhe, ás, alimentando-lhe os mimos.

Tinha dois irmãos, já de trinta anos — um engenheiro e outro advogado. Ambos eram solteiros e viviam em casa, mal reparando nela, que crescia a olhos vistos.

O pai, o banqueiro Lima, era um sujeito pachorruto que só falava do consolidado a nível das suas rotundas que descem. Fora disso gostava de dormir à sua sesta, ressonando alto, com o som de um relógio.

Orá um dia, Eduardo, advogado com escritório na rua dos Sapateiros, teve que ir a casa de Rosalina para falar com o irmão, é que o colega, sobre um julgamento, em que o «reigoso» réu era um feitiço que engorira um canário de estimação.

Estiveram os dois fechados no escritório. Ele era defensor do «Angora», de senhora rica — e o Carlos, irmão de Rosalina, exigia uma forte indemnização pelo canário de estimação e cantor de calibre.

No fundo, portanto, os advogados sabiam bem que aquilo era uma trapa de vianhas ricas zangadas com a vivacidade da rapariga.

E que Eduardo, que já conhecia Rosalina, depois do jantar estava encandado com a vivacidade da rapariga.

E como sabia que o melhor argumento para vencer uma menina moderna é confessar-lhe que já a amava

ESTA ILUSTRAÇÃO É DE BORGES CORREIA

há um século — disse-lho, no terraço, depois do chá.

Rosalina esboçou muito os olhos cór de avêli. Os lábios frescos, debruados de «blatón», destaxaram transparecer um sorriso.

Com um «a-vontade extraordinário inclinou ligeiramente a cabeça, onde os cabelos negros, ondulados, emolduravam o rosto pálido de sonhadora, e, pondo os olhos num exatote distante, respondeu-lhe assim:

— Eduardo, gostaria que me escrevesse uma carta. Palavras, leve-as o vento.

— Uma carta? — voltou ele admirado. — Eu só sei fazer requerimentos ao juiz...

— Pois faça um requerimento em papel comum...

— Com selo?

— Não. Sem selo.

— Será mudada, decerto.

— Escusa de enviá-la pelo correto.

Entregou-a Joana.

Eduardo chegou-lhe os lábios ao ouvido e, baixinho, murmurou:

— Rosalina, a carta terá resposta? Ela oboiu muito surpresa, e fazendo carinha de Betty Grable, roçou-lhe os cabelos pelo nariz, e quase com o hálito confundido com o dele, teve esta tirada dramática de eufelude:

— Uma resposta registada com o sinete do meu amor?

Nessa tarde mesmo, Eduardo chegou a casa com o lenço sujo de «blatón».

* * *

O famoso prologone. Cartas sucessivas. Filas de cinema. Decalotes de chá bebidos agráavelmente, em res dos salões de Lisboa — e milhares de «swings» suados e ridículos no meio divertido dos «bars» elegantes.

Claro que em casa o banqueiro Lima, continuando a ressonar, preocupado com os cambiais — e a mãe, a Dona Beza, entregue a cuidadosas exentrias de frutos no quintal, não davam por aquilo. Os irmãos, solteiros, achavam natural que toda a gente pensasse em casar.

E por mais duma vez, encontrando Eduardo ao lado de Rosalina, comentavam, um para o outro, que faziam um bom par.

Rosalina era, porém, um temperamento nervoso — e, animada, caprichosa — mas não em dia, em casa, enquanto Eduardo, no tribunal, defendia a pureza da mulher — era uma carta de difamação e calúnia — provando, com argumentos, que as mulheres eram simplesmente honestas e que os homens é que as tentam ao perigo — ela, a Rosalina, repetia, exactamente a mesma cena, no terraço, com um primo cadete de marinha, chegado de viagem.

— Escreverei uma carta! Palavras leve-as o vento!

— E terá resposta?

— Uma resposta registada com o sinete do meu amor!

Eduardo quando sobre da levandade ficou atónico.

Foi mesmo o primo cadete que lho contou — sem saber que Eduardo era o namorado de Rosalina.

Sofreu. E nesse dia quis escrever-lhe uma carta, mas não o fez. Preferiu ocultar o que sabia. Mas no

outro dia, o Velgo, do Técnico, rapaz desportista, falou-lhe no entusiasmo que tinha por Rosalina — e numa carta que recebera: dela a dar-lhe esperanças. Era tudo legal. Só mudava o nome em cima.

Havia os Jôcos, os José, os Carlos, os António, todos tratados com a mesma deferência — onde transparecia a efervescente ternura amorosa.

Com as cartas no bolso do sobretudo, Eduardo queria provar-lhe, a carta, de evaziande. Por isso se dirigiu a casa de Rosalina. Logo, à janela, ao lado do terraço, viu-a a conversar com outro rapaz. A ira cresceu. Pensou na frase com que devia aterrar essa pálida sonhadora, «namoraram-se». Voltou a tocar a campainha. Nada. Há cinco, dez minutos que estava naquela habitação, ouvindo o bato da campainha, o toque estridente que depois soava — e nada, a porta não se abria. Então decidiu, levantou-se, e foi a casa de Rosalina. Era capaz de estar a repetir a frase: — Uma resposta registada com o sinete do meu amor — ao mílimeto degradado daquela época — e que, possivelmente, mais ninguém estaria em casa.

A campainha não se devia ouvir naquele ponto afastado da casa — e mais com um embevecimento daqueles. Desesperado, cada vez mais rancoroso, Eduardo desatou aos muros à porta. Depois chegou-lhe, à maneta de colca, com os pés Nadas. Sentiu a porta, ganhas de arrombá-las. Sim, Rosalina estava em casa. Ele bem sabe não fosse má ideia descer a escada e berrar-lhe da rua para a mãe, a Acanhavase disso.

Infame, mil vezes infame! Havia de pregar-lhe uma partida forte, dadas as suas atitudes de enfiada.

E, outra vez, num desespero, bateu à porta.

Abriu-a a porta em frente abriu-se, e Eduardo viu, a rir, Rosalina e o irmão advogado:

— Rosalina, homem! Queres arrombar a porta! A chave está no 2.º andar! Bastou não vives cá 8 dias para trocáres a porta! Muito divertidos estes advogados! Muito distraídos.

E, voltando-se para Rosalina: — Que dizia eu? Há quanto tempo ouzias eu a enganar?

— Ainda bem que viste, Eduardo! Estávamos a falar a teu respeito, minha filha. Rosalina, por uma pechincha, uma boa casa — e a Rosalina fica radiante. As suas, um problema que se prestou um bom advogado.

— Eduardo entupiu — e, entrando, depois de ter apertado, com ternura, a mão de Rosalina, disse:

— Decerto, amigo, decerto!

E casaram precisamente no dia 11. diti a um mês.

o espedreiro

PIVER

Petroleo «PIVER»

O PETROLEO «PIVER» foi estudado com todos os cuidados e atenções, pelas cientistas químicas, para revigoramento do cabelo.

A sua acção físico-química faz-se depressa sentir e manifesta optimos resultados.

L. PIVER



A equipa da «RAF», aos respetos com a Seleção Militar Portuguesa, cortada, em sessão, o bene necessário



O sêbio francês Delacoste, com os jocos de labe



Em castelhana, a Seleção Militar Portuguesa para a «Old Saw the King»

CONSTITUIU um grande acontecimento cívico e o momento de futebol, no Estádio Nacional, entre o elenco representativo da seleção inglesa e o grupo do Estádio Português.

Mes que acontecimento cívico, por inúmeras razões de promoção ao desporto e a Lada, e sobretudo à importância para desportiva.

Aquilo não ambiciona de entusiasmo que não ofereceu para longe a corajosa, como sempre nosa actividade em idêntico momento, o desporto Portugal-Portugal foi mais do que uma grande prova de competição e confraternização desportiva — foi um prelo, e voltou, para se realimentar os condões nacionais sobre o nome de dois países aliados e amigos.

No meio de honra do nosso Estádio saíram, pelo primeiro vez, parte do pessoal de Portugal, a glória brasileira regida. Muitos portugueses, muitas regias com as de ligitas na lista.

O Estádio Nacional foi, no passado domingo, não apenas um importante campo desportivo.

Foi a sala de guerra de Portugal que se abriu para fazer voltar os amigos, que nem sequer havia que fazer correntes...



Uma boa manobrança de ataque



Ataque anglo-...

O "TEAM" DA
"RAF"
EMPATOU COM
A SELEÇÃO
MILITAR
PORTUGUESA!



O almoço oferecido, no «Café da Aspet», aos jogadores da «RAF».



Uma defesa da guarda-redes português



Centro-ofensa e penalti



Uma defesa da guarda-redes da «RAF»



O último respeto, antes, uma jogada

Tito Schippa, o ator brasileiro, foi ludu no primeiro filme de sucesso de cinema brasileiro, "Cine-Clube", onde interpretou o personagem de um estudante brasileiro que se apaixona por uma estudante brasileira. Este filme, lançado em 1934, marcou o início da carreira de Schippa no cinema brasileiro.

Seu primeiro papel no cinema brasileiro, a grande oportunidade, aconteceu em 1934, no filme "Cine-Clube", onde interpretou o personagem de um estudante brasileiro que se apaixona por uma estudante brasileira. Este filme, lançado em 1934, marcou o início da carreira de Schippa no cinema brasileiro.

TITO SCHIPPA CANTOU PARA OS RAPAZES DA CASA PIA



O solista teve os arrependidos para o final do filme de Casa Pia. Em a seguir, tocando, tocando-as mesmas melodias.

Reportagem fotográfica de Jorge Garcia



Os pequenos ouvintes, atentos, estão maravilhados.



Então, muito atentos, abrem novamente a grande boca, arrependidos em suas maravilhosas vozes.



Tito Schippa encanta a audiência com o seu instrumental. E como prêmio recebe uma torção de seu público, sempre acompanhado por público.



Schippa desbrava, por fim, melodias em oprimos.



Um momento oportuno que Schippa divide com refinamento. Certamente a presença, a arte, é em todo o seu tempo, mas vai e promete uma bela vida.



Assi é o momento de melodia. A audição do público está encandada. O mesmo Tito Schippa, por tanto, Tito Schippa é Casa Pia, só isso que não perde o seu tempo.



Tito Schippa encanta a audiência tocando as mesmas melodias que sempre toca. Como sempre, a música se tornou um sucesso.



O momento de Casa Pia é o momento de todos. O momento de todos, no filme de Tito Schippa e todos, sempre o mesmo, sempre o mesmo, sempre o mesmo.



Os pequenos alunos foram arrependidos por Tito Schippa quando tocava as mesmas melodias.



Outro momento de melodia. O momento de todos, sempre o mesmo, sempre o mesmo, sempre o mesmo.



A PRONTO
OU A
PRESTAÇÕES

Esquentadores — Banheiras — Roupeiros e todos os Artigos de Casa de Banho — Fogões e Fogareiros de gás, nacionais e estrangeiros. Fogões de Lenta, em ferro fundido esmaltado e em chapa, muito económicos — Louças sanitárias — Mesas para cozinha

BONITOS CANDEIROS
TELEFONIAS

J. COSTA & SILVA, L.ª

Rue Arco do Bandeira, 79 - 1.ª
LISBOA — Telef. 2 6713

História da Guerra

(Continuação da página 6)

o Presidente Roosevelt e com alguns dos seus mais activos colaboradores. No dia 23 deu uma recepção aos representantes da Imprensa, referindo-se, em termos entusiásticos, à amizade anglo-americana e salientando a importância que essa amizade tinha para alcançar a vitória e para construir a paz. As suas declarações, orientadas no sentido de valorizar no quadro internacional o significado do bloco anglo-saxónico, deu origem a que fossem postas a circular diversas versões segundo as quais o sr. Churchill encorajava, já nessa altura, a necessidade de sincronizar as energias e os esforços da Grã-Bretanha e dos Estados- Unidos, com exclusão de outras potências, para a realização das tarefas urgentes que a preparação da paz começava a fazer avultar.

No dia 27 de Maio foi oficialmente anunciado que a Conferência de Washington terminara os seus trabalhos declarando nessa altura o Presidente Roosevelt: «A reunião dos chefes dos Estados-Membros terminou por um acordo completo quanto às operações a realizar no futuro nos vários campos de batalha. Em seguida, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha deixou os Estados Unidos, seguindo para o Norte de Africa, onde a sua presença era requerida, dada a evolução das operações naquele teatro de luta.

(Continua)

CRÍTICA DE LIVROS

(Continuação da página 9)

A deambulação do protagonista pelas ruas tétricas e miseráveis do Porto é uma visão empolgante e vigorosa das necessidades de justiça que Régio perfila como qualquer outro — e, como qualquer outro, à sua maneira. Em poucas páginas da literatura portuguesa se arranca tão violentamente a máscara a uma pseudo-civilização que gera em tão grande e tão infame escala a miséria e o sofrimento.

Pasta dizer ainda — e não é o menos importante — que a técnica de construção do romance é perfeita e impecável. A sua leitura valerá por todas as divagações mais ou menos estériles que se desenvolverem sobre este problema tão debatido. A inteligência do romancista ultrapassa, sob esse aspecto, quaisquer intuídos de definição ou de análise. «Uma gota de sangue» é realização exemplar no romance contemporâneo de valor universal.

LIVRARIA ECLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas
bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

agenda
MUNDIAL
1946



UM GRANDE ÊXITO DE VENDA
AGENDA
MUNDIAL
para 1946

A MAIS COMPLETA AGENDA ATÉ HOJE
PUBLICADA EM PORTUGAL E FEITA DE UMA
FORMA VERDADEIRAMENTE ORIGINAL

Agradável, útil e prática

**UMA AGENDA QUE TEM DE TUDO
E SERVE PARA TODA A GENTE!**

CERCA DE 500 PÁGINAS — BOM PAPEL
MAGNÍFICA APRESENTAÇÃO

PREÇO 15\$00

FAÇA OS SEUS PEDIDOS AO SEU VENDEDOR HABITUAL OU ENCOMENDE- A DIRECTAMENTE PELO CORREIO PARA LHE SER ENVIADA A COBRANÇA

É uma nova edição de
Vida Mundial Editora
RUA DA EMENDA, 69, 2.º — Lisboa — Tel. P. B. X. 2 5844

APRENDA RÁDIO

POR CORRESPONDÊNCIA, PICA FOLHETOS GRATIS



ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. DR. MANUEL LAGANJEIRA, 12 — PORTO

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA
ALIANÇA
PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra

Por **RAFAEL MARÇAL**

A venda em todas as livrarias

Uma magnífica edição de «**VIDA MUNDIAL**»

SHAMPOO-TINT RAPIDOL

De a certeza de bom gosto e de melhores resultados

Foi aprovado pela medicina e pelas autoridades sanitárias norte-americanas como um produto «STANDARD»

Encontra-se à venda

A-Prato
D-Castanho escuro
F-Castanho
G-Castanho claro
L-Ruivo escuro



Devido à sua excelente qualidade é preferido pelas estrelas de Hollywood

nas seguintes cores

K-Ruivo
N-Louro cendré
O-Louro ruivo
P-Louro
Q-Louro dourado

À venda nas perfumarias e drograrias
Distribuidor exclusivo para Portugal
G. DE CAMPOS MARTINS
Caixa Postal 826 ~ Telef. 81-951

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«**HERPETOL**»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, urticárias, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



L. MAITRE & FILS S.A.



JANELA ABERTA

DO PROGRESSO E DO LUXO

POR MANUEL MARTINHO

AINDA deve haver, por aí, muita gente do reinado do vintém. E certamente que muitos se lembrarão duma passadeira a Caci-lhas, boa jantarada, um passeio na Feira, tudo isto por dois tostões—que era uma boémia de perdulários. Agora, senhores, deixem o calendário antigo e cheguem a este ano da graça de 1944. Não falemos, claro, nas insignificâncias da alimentação, das carnes, do peixe, dos ovos; também não vale a pena dizer os preços das rendas de casa, que são para senhores e nunca para inquilinos; falemos, unicamente, em coisas pequenas, miudezas que as montras mostram.

Aqui, a dois passos, no Chiado, está numa pequena caixa de veludo, um anelito vulgar, de brilhante, talve para qualquer espanhola de escabros ou honrado negociante de mercado negro, pelo preço módico de 300 contos. Não julguem, leitores, que é um baizito desses de empedrar as ruas. Não. É uma pedrinha para trazer no dedo, despretensiosamente, qualquer coisa que até se pode esquecer no lavabo ao ensaboar as mãos.

Acreditem—é preciso ter coragem. Uma pessoa com uma fortuna espetada no dedo, correr a cidade, entrar nos eléctricos, subir escadas escuras—sem policia atrás—sem a mão no bolso, de pistola aperçada. Viva, que valentia!

Depois, um anel daqueles há-de, por força, pedir não um casaco de veludo—mas as peles mais caras e ruínas do mercado.

Também há, leitor, mais adiante. É um casacoito—até, francamente, feio—de pelo comprido, muito macio. Custa duzentos contos—e é, parece, tão em conta por via dum pequeno defeito.

Ah! Se não tivesse a tal Imperfeição lá a 400 contos. Bagatelas. Um caso. Que utilidade terá uma coisa daquelas? Ainda se fosse um casaco moderno, com telefonia nas mangas, aquecimento central no forro e telescópio na gola, vá!

Agora uma coisa vulgar que só serve para tapar uma carga de ossos ou uma avalanche de carne, é um pouquinho—como dizem os espanhóis—dispendioso. Acresce, ainda, que trazer um casaco daqueles evidentemente que obriga a usar, por exemplo, uma mala de mão de javali ou crocodilo. Também há, leitor, mais em baixo, sempre no Chiado. É uma maleta de guardar bugiungas, enorme, com um fecho amarelo. Esta, então, é de saído: três contos! Ao alcance de todas as bolsas, não tem interesse. Se não fosse tão barata, se, por exemplo, pedissem vinte ou trinta contos, a amadame Volfrâmo já a tinha comprado! Assim, é vulgar. Qualquer costureira há-de empenhar-se até à raiz dos cabelos só para a exhibir no bairro, semeando invejas na vizinhança. Quer isto dizer que chegámos a uma época em que nada assuta. Os miúdos da rua, qualquer dia, ao pedirem esmola, inventam outro estribilho:

—Meu senhor, dê-me cem mil réis, por amor de Deus!
Os merceiros deixarão de vender rebuçados a tostão—e de vez mais cara.

Com esta mania de ostentar fortunas sobre os ombros ou nos dedos, qualquer dama chique terá de passar escollada por metralhadoras.

E qualquer cavalheiro, com mil contos no cofre, sentir-se-á pobre—e andará, no Comissariado do Desemprego, à espera de ocupação para ganhar a vida. E os brilhantes, o ouro, as peles, serão ofuscadas por outras preciosidades que o alto comércio inventará para, legalmente, arruinar o homem.

O leitor rise—também nós. E sabe porque?

Porque tivemos ambos o mesmo pensamento.
E que o mundo há-de ser uma delícia se ganharmos os mesmos ordenados. Voltaremos às cavernas, donde viemos há milénios—e aos domingos, que é o dia catita, estaremos uma folha de parra, novinha, depois de termos almoçado feno cozido ao sol...



A comissão do concelho de Cuba que veio pedir ao Governo e construção duma estrada que ligue aquela vila à cidade de Beja, com o sr. ministro das Obras Públicas.



O capitão de mar e guerra, Barão de Romel, partido de Lisboa em viagem de cruzador suco «Fylgia», que visitou o Porto de Lisboa em viagem de instrução de cadetes e alunos marinheiros, desembarcando.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE DUAS IMPORTANTES CASAS

NUM admirável ambiente de confraternização e boa camaradagem, reuniu-se num almoço na Quinta de S. Vicente, o pessoal e patrões de duas das mais acreditadas e conhecidas casas comerciais de Lisboa, da firma Melolandia, L.ª, Avenida Duque de Ávila, 30, fabricantes dos já tão conhecidos e apreciados móveis modernos, e da firma Vencedora de Espelhos, de J. M. de Oliveira Melo, da Rua Martim Moniz, também uma das mais conhecidas e reputadas no nosso mercado de espelhos, vidros e cristais.

Foi uma festa de amizade onde se notava facilmente o respeito e bom entendimento entre o pessoal e os patrões, e especialmente por não ser muito vulgar entre nós a confraternização entre duas casas de ramos de negócio semelhantes.

Achamos interessante a forma como os gerentes destas casas brindaram o seu pessoal, distribuindo cigarrinhas de prata aos empregados mais antigos, e graciosos cestinhos de prata às empregadas.

Aos brindes fizeram-se ouvir os gerentes e sócios da Melolandia, senhores Luis Magão e Ferdinand Bertling, e o sr. J. Oliveira Melo, da Vencedora de Espelhos, e alguns empregados. Digno de nota, sobretudo, o discurso do sr. Luis Magão, que agradeceu, comovidamente, ao seu pessoal e ao pessoal da firma amiga, a cooperação e boa vontade que têm posto no cumprimento dos seus deveres, afirmando que só a isso se deve o êxito das duas casas, que dia a dia vêm da parte do público novas provas de preferência e escolha.



MAYÁ

O FIGURINO DA MULHER ELEGANTE

O album de modas
que as mulheres
portuguesas mereciam

Assinaturas:

SPA — Rua do Alecrim, 43, 1.º-Lisboa

Distribuidora:

Editorial Organizações

Largo Trindade Coelho, 9, 2.º-Lisboa



O sr. ministro do Interior com as senhoras de Benfica que colaboraram na distribuição de enxergas e cobertores, feita pelo Socorro Social.



Alguns pobres contemplados pelo Socorro Social

RELÂMPAGO
DISTRIBUIDOR
para:
Banheira
Lavatório
Bidé
Lava-Louça
Lava-Roupa

Um **RELÂMPAGO**
é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVIDENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR
RELÂMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS
À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-55—A. da República, 59—R. Febo Monti, 1-18—R. da Graça, 52-54

TORNEIRAS TAGO FICOLL

EVITE
os incómodos e aborrecimentos
utilizando em sua casa
as Torneiras
TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

MEIAS AMERICANAS
NYLON-DUPONT

A autentica meia de vidro

Todos os tamanhos

Acaba de receber a

MEIA DE VIDRO
Rua Augusta, 158

A EVOLUÇÃO DA CRISE FRANCESA



O general De Gaulle deixa o Poder. Os jornais publicam edições especiais com a notícia e os leitores comentam-na, cada um de sua maneira...



Vincent Auriol e Leon Blum, líderes socialistas, chegam à Câmara para a reunião do Assembleia Constituinte.

Edouard Herriot à sua chegada à Câmara.

UMA LOCUTORA PORTUGUESA DA EMISSORA ESPANHOLA

MARIA EDUARDA MARTINS CORREIA FALA DA RÁDIO DO PAÍS VIZINHO

com graça o termo — teve de abandonar o microfone.

— Custou-lhe muito, a primeira vez que falou?

— Sim. Dizer-lhe que não seria pretensioso da minha parte. Todavia, o nervosismo cedo passou. O microfone, aberto, de facto assusta. Dir-se-ia que nós temos medo das milhares e milhares de ouvidos atentos, que ansiosos, esperam pela nossa voz. Depois, porém, aquilo vai-se transformando em hábito. E já natural, intuitivo.

— E que nos conta de Espanha? Como se vive?

— Compreende, não se pode, em síntese, descrever o carácter duro do povo pela maneira como vive, exteriormente, numa ou duas cidades. Madrid é uma cidade ruidosa, alegre, com a sua vida dinâmica. Vê-se muito luxo, talvez mais até nessas camadas burguesas que acham que é chique trazer tudo em cima do corpo — desde as peles caras aos braceletes rutilosos. O movimento em Madrid nas horas do encerramento do comércio é extraordinário. Dir-se-ia que as ruas são estreitas para conter um tão grosso caudal humano.

E depois, mudando o rumo à conversa:

— O que me interessou sempre foi a sua vida artística. Ai, sim! Os espanhóis nasceram pintores — e têm, hoje, um interesse tão grande pela Arte que impressiona.

«Os museus estão sempre concorridos. O Prado, por exemplo, que está numa situação privilegiada, pois fica no centro da cidade, regista todos os dias uma grande soma de visitantes.

«Compare, agora, os nossos museus — abandonados, tristes, com os quadros expostos no mais alto silêncio. Num domingo aparecem meia dúzia de pessoas, que nascem apressadas, com pena de não verem tudo, porque chegam tarde.

«Pois em Madrid vi eu, garotos de escola, com cadernos, curiosos, a coplarem assinaturas de quadros!

«E deste interesse que a Arte necessita, é, por assim dizer, a recompensa espiritual do artista: a Arte eternamente viva e presente nas gerações.

Maria Eduarda fica, depois, a pensar. Neste curto silêncio fazemos-lhe a última pergunta:

— E não gostaria de trabalhar na Rádio, em Portugal?

— Certamente. Mas como? E tudo tão complicado.

E a rir:

— Mas fique sabendo: para falar. Nada de contos. Cantar é com as vedetas!



Um aspecto da Assembleia Geral Constituinte, no momento dramático em que é lida a carta de demissão de De Gaulle.



Félix Gouin é eleito presidente do Governo por 497 votos em 555 votantes. Na foto, Mercier, vice-presidente da Assembleia Constituinte, entrega a Gouin a investidura oficial.



Félix Gouin, com o seu novo gabinete



MARIA Eduarda Martins Correia, chegou, há pouco, de Espanha. Veto com o marido, o admirável escultor Martins Correia, que, pelo país vizinho estagiou, nos centros de Arte.

Maria Eduarda — Nenê, como lhe tratam os íntimos — é uma rapariga viva e culta, insinuante pela alegria que sabe dar à conversação. O casal Martins Correia deixou — e trouxe de Madrid saudades. Souberam logo criar amizades nas tertúlias artísticas — onde deixaram corações abertos de simpatia — e tecer, à volta da arte portuguesa, um ambiente de carinhosa camaradagem. E assim, de maneira viva, que se estreita o intercâmbio cultural entre dois países. Artistas que acamardam nos mesmos anosos de arte, sonhando com os caminhos supremos da Beleza que estão acima das fronteiras.

Maria Eduarda não quis ficar inactiva durante a estadia do marido em Espanha. E assim, a sua bela voz apareceu um dia, em Portugal, pela Rádio. Fez-se locutora de português no Rádio Nacional de Espanha. E provou, exuberantemente, ser uma das melhores locuções a que se lançava, com entusiasmo, pela Europa. Ao seu lado havia locutores de todas as nacionalidades — até árabes.

Pois Maria Eduarda, que até então pouco conhecia da vida de estúdio — e nunca enfrentou um microfone, ganhando mil pesetas por mês, por vinte minutos diários de locução — E agora? — perguntamos-lhe.

Maria Eduarda sorri — talvez para esconder a tristeza que lhe causou ter de abandonar a Rádio.

— Agora — responde — talvez não volte ao microfone. E acredita, já gostava imenso da minha função. Encontrar um ambiente de camaradagem inesquecível. Estar cativada por tantas gentilezas recebidas. Meu marido, porém, tinha de voltar para Lisboa. E, por consequência, a locutora — e Maria Eduarda sublinha



O PRIMEIRO MINISTRO DO MUNDO

Três anos depois, tornou-se conselheiro público do secretariado norueguês encarregado de resolver todas as disputas entre patrões e empregados. Por fim, se bem que fosse um trabalhador incansável, Lie divertia-se com tanto entusiasmo como trabalhava.

A política municipal de Aker, uma campanha nacional a favor da construção de parques de recreio e campos desportivos para a mocidade norueguesa, uma série de livros — um deles escrito em colaboração com um intelectual que os alemães fustigaram — aliados à sua vida profissional, conservaram Lie em plena actividade até 1938, ano em que lhe foi oferecida uma cátedra na Universidade de Oslo e, simultaneamente, a pasta de ministro da Justiça.

Deu primazia na escolha ao cargo ministerial e, em 1939, ocupou o Ministério do Comércio, Indústria, Marinha Mercante e Pesca que, nessa ocasião, era considerado uma posição de importância vital para o país.

Foi um dos últimos ministros do gabinete a abandonar a Noruega e chegou à Grã-Bretanha sem saber uma única palavra de Inglês, em Junho de 1940.

Nomeado subsecretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros em fins de 1940, foi promovido a ministro da mesma pasta em Fevereiro de 1941 — tinha apenas 44 anos — Lie aprendeu Inglês tão rapidamente que hoje em dia consegue fazer discursos públicos neste idioma sem a mais pequena hesitação.

Lie é considerado nos círculos políticos da capital britânica o Ernest Bevin norueguês. Na verdade, fisicamente, ambos são gordos e corpulentos. Ambos têm militado no Partido Trabalhista. Ambos são hábeis e vigorosos batalhadores das arenas políticas.

Contundente e incisivo em todas as suas afirmações, Lie tem marcado a sua presença no mundo internacional em frases basilares que já pertencem à história. Eis algumas delas: «Um país não pode manter-se afastado da guerra pelo facto de ser neutro». «O nazismo e o fascismo ainda continuam vivos».

E, quando a Rússia o propôs para a presidência da O.N.U. (votado em que obteve 23 votos contra 28 a favor de Henri Spaak), ao saber que se cochichava entre bastidores que «Lie está no papo da Rússia», subiu à tribuna dos oradores e afirmou desassombadamente que «a Noruega não tinha nenhuma pasta sobre o cacuço».

Partidário convicto e apaixonado da segurança colectiva, Trigue Lie está ansioso por estabelecer a cooperação mais completa possível entre o grupo de nações escandinavas.

A melhor definição de Trigue Lie é esta: um grande homem para uma grande missão.

Mas como dizia um jornalista britânico, embora o seu nome se escreva L-I-E (mantira em inglês), ele tem por princípio, na vida pública, dizer sempre a verdade, doa a quem doer, tanto mais que aquele nome não tem a pronúncia tal do inglês, mas sim a de *li* em português...

José Correia Ribeiro

O MODERNO ATLAS

Trigue H. Lie, ministro dos Negócios Estrangeiros da Noruega, assumiu todos as responsabilidades mandadas ao tornar-se secretário-geral da O. N. U. no dia 31 de Janeiro de 1946. Lie, filho de um carpinteiro, tem agora 49 anos. Interrogado pelos jornalistas após a sua nomeação, declarou: «O meu pai morreu quando eu era muito novo e a minha mãe teve de trabalhar toda a vida para me sustentar e educar».

APOIADO simultaneamente pelos representantes do capitalismo norte-americano e do comunismo soviético, eleito unanimemente por 51 nações — pela primeira vez, na verdade, unidas — Trigue Halvdan Lie, cidadão e estatista norueguês, foi eleito Primeiro-Ministro do Mundo, se bem que o seu título oficial seja simplesmente secretário-geral da O.N.U.

Nascido há menos de cinquenta anos, Trigue Lie tem ascendência humilde. Seu pai era um carpinteiro de Graug, subúrbio de Oslo, famoso pela sua indústria de madeiras.

Quando o pai morreu, Trigue era ainda muito novo e a mãe teve bastantes dificuldades para o criar e educar. No entanto, à custa de consideráveis sacrifícios, conseguiu que o filho entrasse para a Universidade de Oslo em 1914.

Uma vez formado, o jovem dr. Lie principiou a advogar em 1919. Dois anos antes de entrar para a Universidade, já a sua mentalidade política se encontrava devidamente formada e, de acordo com as suas concepções políticas, filiou-se na Associação da Juventude Social Democrática e no Partido Trabalhista norueguês.

Em conformidade com estas filiações foi, durante o tempo que frequentou a Universidade, membro da comissão executiva da associação, e quando principiou a advogar, foi nomeado secretário do Partido Trabalhista.

Trigue Lie, o secretário-geral das Nações Unidas, fotografado na companhia de esposa e filha, no hotel onde estão hospedados, em Londres.



UM ACTO DE CORAGEM

Ao saber da derrota do seu país, o Príncipe Kanoye, ex-Príncipe Ministro do Japão, ofereceu, em sua casa, uma grande festa, durante a qual se suicidou, envelenando-se.



UM "LOURO" QUE É UM PRODÍGIO!

ESTE papagaio da alta sociedade nova-yorquina, chama-se «Polly» e atingiu, há pouco, a maioridade, pois conta nada menos de 24 anos. A sua especialidade é ir acordar a dona à cama, imitar os convivas à mesa e ir à cozinha «enxera» comida.

Tem como grande amigo um paciente «terrier», o qual «Polly» considera um excelente poleiro.



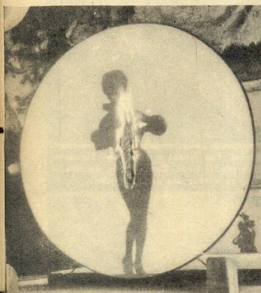
É este o caminho tomado por «Polly» quando vai acordar a dona à cama, todos os manhãs. Devido a longa idade que os papagaios atingem, ela pode dizer que tem ali um despertador com corda para mais de cem anos...

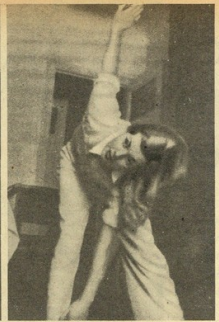
«Polly», o «louro» prodígio, no seu poleiro predilecto: — às costas do «terrier».

Cerne guisada com batatas, o prato favorito do «louro»... quando a dona não vê.



★ **ÉIS UM NÚMERO ORIGINAL DO NOVO FILME AMERICANO «UM ESCANDALO DE PARIS». A ARTISTA E CAROLE LANDIS E A CENA PASSA-SE NUM CAFÉ-CONCERTO PARISIENSE — O «TEATRO DE SILHUETAS».** ★





1) Com os pés separados e os braços altos, flexões laterais, de modo que nem os braços nem as pernas se dobrem. 2) Partindo da posição de pernas afastadas e braços verticais. Rotação e flexão do tronco em quatro tempos. 3) Braços estendidos e tempo estendido. Flexão das pernas e elevação dos braços lateralmente, por cima da cabeça. Movimento respiratório, inspiração profunda. Segundo tempo: extensão de pernas e flexão dos braços.

10

MINUTOS POR DIA BASTAM PARA UMA SENHORA "CONSERVAR A LINHA"!

E certo que nem todas as senhoras dispõem do tempo suficiente para praticar desporto e lutar pela conservação desse «tesouro feminino» a que chamam — «a linha»... Principalmente as que têm empregos, dificilmente poderão conciliar as horas de trabalho com as destinadas aos exercícios físicos.

Porém, talvez nem todas saibam que dez minutos por dia podem bastar para ganhar, todos os dias, a «batalha da linha» e para que os seus músculos se conservem elásticos e fortes.

Mery Martin, a nova e gentil «estréla» do Cinema espanhol, explicou, gráficamente, a pedido do jornalista Alberto Arenas, como podem ser aproveitados esses dez minutos.

Na primeira semana, os exercícios devem praticar-se cinco vezes cada um; na segunda, dez vezes, e na terceira, e seguintes, quinze vezes.

E, pois, bem pequeno o sacrifício, e vale a pena fazê-lo... Mas Mery Martin recomenda ainda que, aos domingos, esses exercícios sejam completados com pequenas corridas, ao ar livre: duas corridas de cinquenta metros, são suficientes.

E, como complemento valioso desses exercícios, aconselha a natação, belo desporto para as senhoras que queiram manter um peso certo e uma flexibilidade de movimentos que tanto ajudam e realçam a natural elegância feminina.

Início dos movimentos: em sentido, peito elevado, abdôme contraído, cabeça erguida.

A América, ditadora de modas novos modelos de luvas de fantasia



1) Bonitos «mitens» em veludo com fitas em ouro.



2) Luvas de renda bordadas a ouro.



3) Em «crochets», igual à blusa.



4) Luvas de lã com enfeites.



No chão. Pés separados e braços estendidos. Tempo primeiro: elevação e flexão do tronco; segundo: juntando as mãos à fonte e descendo-as, lentamente; terceiro: o mesmo que o primeiro, mas tocando com a mão esquerda no pé direito; quarto: igual ao segundo.



No chão, na posição horizontal. Pés juntos e esticados. Elevação das pernas até alcançar a posição vertical. Continuação da flexão das pernas até dar com as pontas dos dedos no chão.



Depois, descer lentamente as pernas sem que cheguem ao solo.

Para si, minha senhora...
4 MODELOS ORIGINAIS DE ARMINDA PEREIRA
 Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"



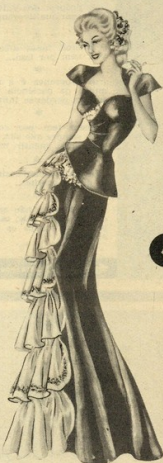
1



2



3



4



1) Vestido de «soirée» em seda «moirée». Corpo de corte original.

2) Para rapariga, este juvenil modelo de musselino rosa, saio todo em folhos. Corpete de veludo negro.

3) Em «romains» com panos plissados, presos a tiras bordadas a «pailletées» — um vestido de grande «soirée».

4) Para jantar ou baile, lindíssimo modelo em veludo negro com uma larga faixa de «tafetás» inteiramente em folhos.

"55"

**O BATON
 DA MODA**

EM 6 LINDOS TONS

Arminda

TIP-BITS

APONTAMENTOS A AMABILIDADE TEM UMA TABELA

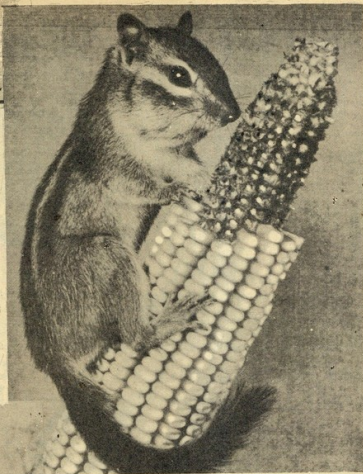
E STAMOS fartos de ver muitos cavalheiros serem amáveis com as senhoras, pagando-lhes o bilhete do elevador, que custa dois tostões, ou cedendo-lhes a vez — que é de graça. Já chegámos, até, a ver alguns cometerem a «loucura» de pagar a uma senhora o bilhete do «eléctrico»... Mas nunca conseguimos saber de cavalheiro amável que tire o bilhete, a uma senhora desconhecida, para o rápido do Porto...

Por aqui se vê que a amabilidade tem um limite. Enquanto é barato, todos são amáveis. Mas quando se chega à altura de ser preciso fazer contas — é mais difícil!

Ora isto está muito mal, amigos, até porque vocês devem pensar, como eu, que uma senhora vale mais do que todas as amabilidades que possamos ter com ela...

Fica, pois, assente que, de futuro, já que não pagamos os bilhetes às senhoras que embarcam no rápido do Porto, também não os devemos pagar no elevador ou no eléctrico!

É que se trata duma insignificância que até chega a parecer mal...



— Com que então não há racionamento, nem nada!



POUCAS PALAVRAS

Desde que inventaram o telefone, mente-se muito mais...

Por cada um que escreve, há cinco que não lêem.

É próprio dos calvos recordarem que tiveram muito cabelo.

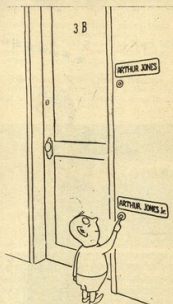
Morrer, todos sabem. Viver, nem por isso...

A esperança é a melhor amiga da paciência. E costumam perder-se juntas...

Quem tem por costume dizer sempre que sim, há-de, por força, mentir muito...

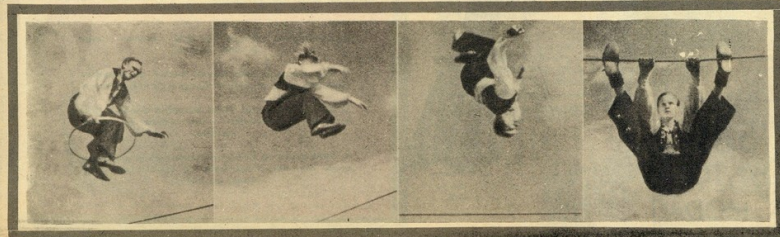
Não há menor cozinhete do que o apetite...

Um homem não se aprecia pelo que vale, mas sim pelo que valem os que o apreciam...



Uma campinha para Arthur Jones, outra para Arthur Jones Júnior!...
(De «Steimberg»)

Deixe-se pentear bem, se quer ir ao baile!



VEJAM PARA O QUE LHE HAVIA DE DAR!

PASSATEMPO



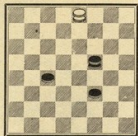
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES.
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 54 do Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA.

DAMAS

(Seção portuguesa)
FINAL DE JOGO N.º 19
(Inédito)

Por *Chadão Policorpo*
(Santarém-Lisboa)

Brancas: 1 «dama»



Pretas: 2 pedras e 1 «dama». Jogam as brancas e empatam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 46

18-22 11-15 15-31

27-9 4-1 30-21

31-18 6-10

21-14 14-5 ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 47

22-13 9-13 15-20

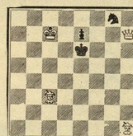
17-10 10-17-30 8-15-22

20-23 16-27-18-11-2

30-20 P. ganham.

XADREZ

PROBLEMA N.º 27
Deutsches Wochenschach, 1909



SOLUÇÃO DO PROBLEMA
N.º 26

1. Cx63. Conflito ligeiro mas depois de 1... Re63 há um efeito combinado de despreg. branca-preg. praeta, magistralmente vincado.

(R. P. X.)

MACAÇA GEOGRÁFICA

Por *Dr. José Rodrigues Correia*
(Viseu)

Trata-se de substituir os traços por letras, formando nomes de vilas de Portugal Continental.

... V

... I

... D

... A

... M

... U

... N

... D

... I

... A

... L

... I

... U

... T

... R

... A

... D

... A

... L

MACAÇA GEOGRÁFICA

(Publicada em 7/2/946)

Solução

1 — Bardenelos. 2 — Columbia. 3 — Pêria. 4 — Irlanda. 5 — Mónaco. 6 — Tsquio. 7 — Asturias. 8 — Indonésia. 9 — Arménia. 10 — Camarões. 11 — Co

HIERÓGLIFOS

COMPRIMIDOS
Oferecidos por Fernando Alberto Rijo da Silva (de Belas), ao seu amigo Rui Pacheco.

Rio da Rússia Porco

Medida chinesa Negro

Unid. de trabal. interj. oferece

PILHA DE PALAVRAS

N.º 7

Resolução

1	F	R	A	G	O	R
2	C	N	I	C	O	
3	F	R	N	I	C	O
4	D	F	S	P	A	R
5	A	C	H	R	A	O
6	R	T	E	F	C	A
7	M	A	R	E	T	R
8	B	R	I	L	H	A
9	M	E	D	I	A	N
10	D	I	A	K	T	O
11	P	O	M	T	A	O

CHARADAS

NOVÍSSIMAS
Por Nicolau F. Telo de Moraes
(Viseu)

- 1) *Amarra bem aqui um cordão ou mesmo um atecador — 2-1.*
- 2) *Liga pouca importância a gente de má qualidade e poblete de vigia — 2-2.*
- 3) *Se entras na casa de bebidos mesmo aqui na cidade, saís de lá que nem uma embarcação de três mastros — 1-1.*
- 4) *Um peixe vulgar dos rios que viva numa banheira só pode comar semente de abanito — 2-2.*
- 5) *O carro puzado a dois cavalos que se virou partiu um dente quezão ao homem que tinha duas esposas — 2-1.*
- 6) *A sangueviva tapou a ligução na garganta do gato — 2-1.*

APP



RAINHA DA HUNGRIA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 3

Por Rosalind — (Porto)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

HORIZONTAIS: 1 — Semelhante; apreitoria. 2 — Em forma de ovo; extintor. 3 — Pulli; período. 4 — Ame; composição poética. 5 — Batriquês; contração de proposição e pronome. 6 — Exístes; tanto; numeral cardinal. 7 — Sinal ortográfico; apêndice de certos objectos. 8 — Naiva; ter princípio. 9 — Cheiro; refere-se. 10 — Obturara; verbal. 11 — Género de plantas araliáceas (pl.); ponho asa.
VERTICAIS: 1 — Doz polos; Junta. 2 — Sofregas; irritar. 3 — Partes de árvore; exército. 4 — Casa; devião. 5 — Perto; raiva (inv.). 6 — Marote; segurar; em quantidades iguais. 7 — Vertebrado; boato. 8 — Boatos; para burlavento. 9 — Oval; suporta. 10 — Limpe; gas tas. 11 — Altar; eóru.
Dicionários adoptados para a composição deste problema: Augusto Moreno e Roquette (abônimos).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA
N.º 55 (Concurso)

(Publicado em 14/2/946)

HORIZONTAIS: 1 — Aha; toa; obo. 2 — Zape; abotar. 3 — Cola; urdu. 4 — Ras; ius. 5 — En; esmar; md. 6 — Bat; orix. 7 — Al; sorva; ml. 8 — Lia; aem. 9 — Urey; utos. 10 — Gnomon; item. 11 — Eis; luz; osa.
VERTICAIS: 1 — Az; rebao; gô. 2 — Bacanal; unl. 3 — Apos; pros. 4 — El; eis; gm. 5 — Alis; oleol. 6 — Oa; um; rl; nu. 7 — Abusa; vau. 8 — Or; rou; ll. 9 — Oldo; aoto. 10 — Bad; mi-meses. 11 — Ar; coxim; ma.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

(Modalidade antiga)

D. Hermínia Folgosa, D. Maria do Carmo Marques de Sousa, João Folgosa Ruas, José Luis da Cruz, Carlos Pereira Chanoça, Kriste e Janca, Jacinto B. Marques, José Luis da Costa, Durco Machado, Nicolau F. Telo de Moraes, Adelino Moreira, Seven, Teodoro e Filipe de Sousa.

Camisaria Confiança, L.ª

Sempre as maiores novidades
aos melhores preços

LISBOA — Rua Augusta, 286
PORTO — Rua de Santa Catarina, 181



A ARTISTA DE CINEMA PATRICIA
DE LANCASTRE. NUMA FOTO DE
SILVA NOGUEIRA

Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
-CREME
TOREIRO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOREIRO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes